

Raphael



EMILLY



ANA



ANTÔNIO

jorge



RIQUELME



MOSTRA

PEDAGÓGICA

Marcos



ALICE



Júlia



Em um dia de segunda-feira 24 de janeiro de 2020, todos estavam ansiosos para o retorno das aulas no Colégio Magister. Pois neste momento iríamos reencontrar os amigos, conhecer novos colegas, professores, brincar, jogar e estudar muito.

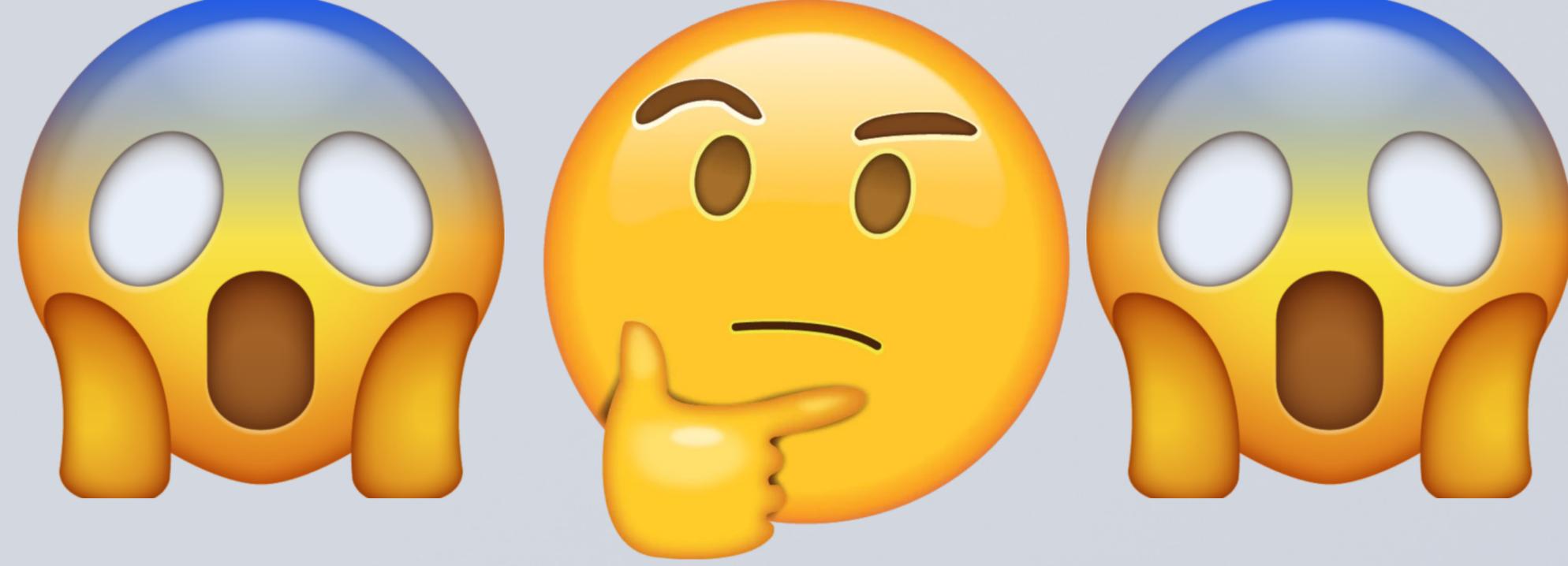


Todo momento era de alegria.
Os alunos cheio de
expectativas, brincavam e
jogavam tanto na sala, quanto
no pátio da escola.





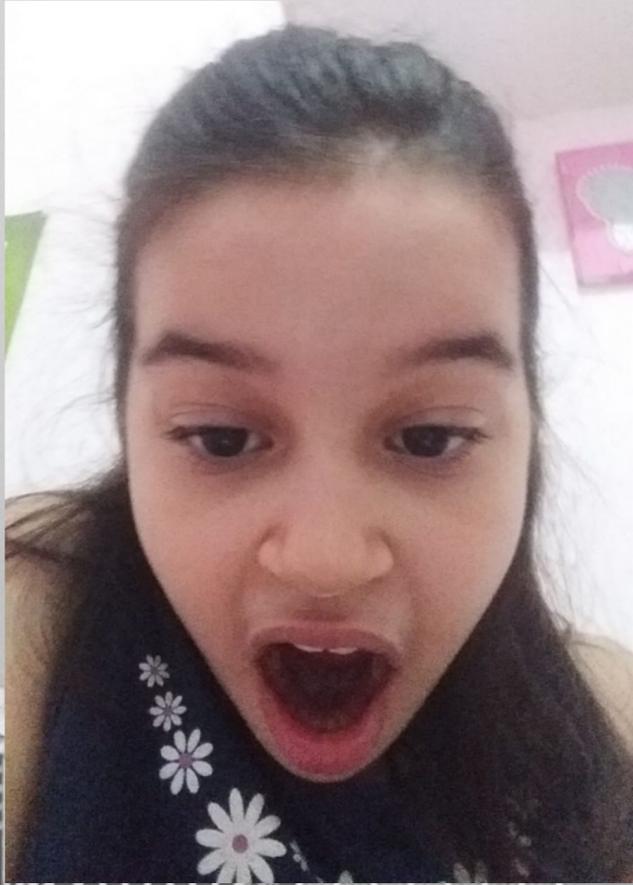
**SEGUIMOS NOSSAS
AULAS
PRESENCIAIS
TRANQUILAMENTE.**



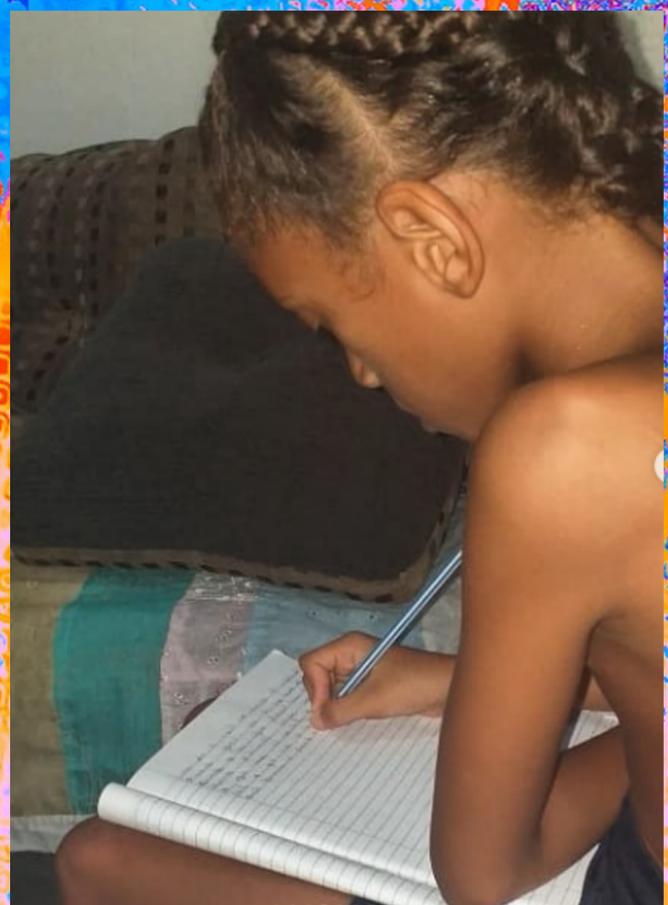
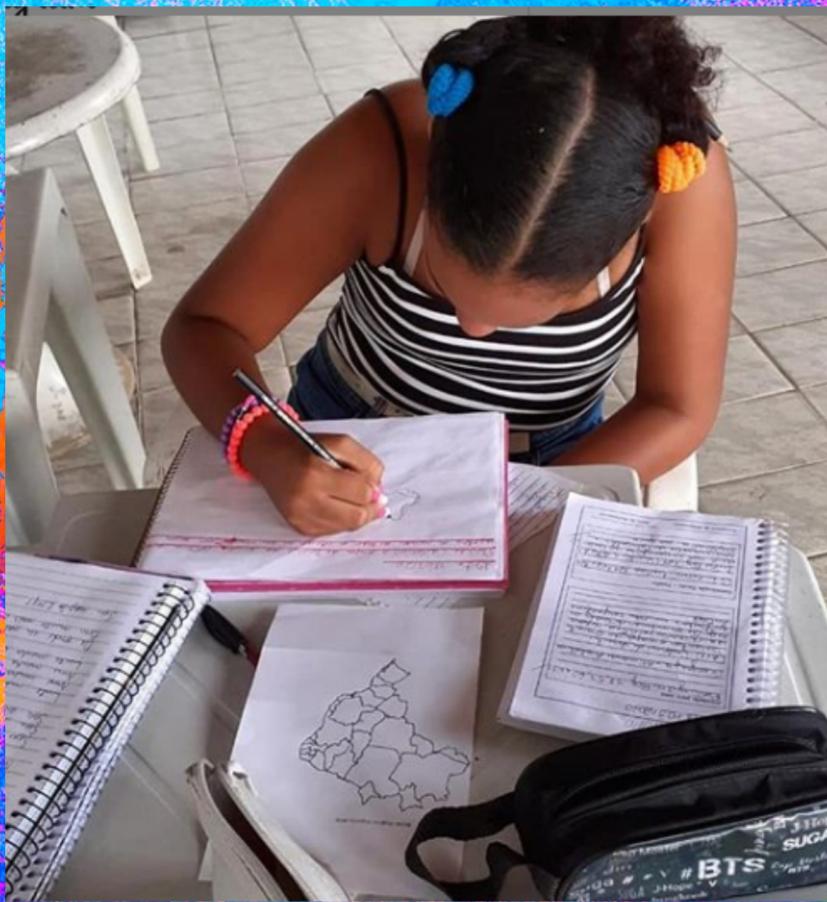
**DE REPENTE,
SEM QUE
PUDÉSSEMOS
ACREDITAR, DE
UM DIA PARA
OUTRO, TUDO
MUDOU.**



A pandemia do coronavírus chegou até nós sem que estivéssemos preparados, mesmo acompanhando em tempo real o que acontecia na China e em outros países.



Nossa vida mudou radicalmente. Em poucos dias e sem saber por quanto tempo iria durar.



Neste cenário, as escolas fecharam, os alunos foram para suas casas, juntamente com seus pais que passaram a trabalhar do modo remoto.



Você faz parte dessa história!

O que fazer com as crianças? O que a escola vai fazer? Professores seguem trabalhando? Um mar de questões sem respostas.

Imediatamente surgem nas redes sociais mil soluções prontas, indicações de múltiplas plataformas para trabalhar de modo remoto. Passo a passo para se organizar, fazer atividade física, fazer atividades para as crianças e por aí vai. O brincar e o jogar neste momento estaria quebrando os impactos sociais e intelectuais.

As mudanças vêm em ondas,
em movimentos em sintonia
com a duração dessa
experiência.

É tempo de conexão. Agora
vamos aprender de forma
mais colaborativa jogando e
brincando.



Durante séculos as crianças brincaram e assim aprendiam a ingressar na vida de seus grupos. Sem brinquedos caros com pedra, argila ou madeira miniaturizavam objetos que viam à sua volta.

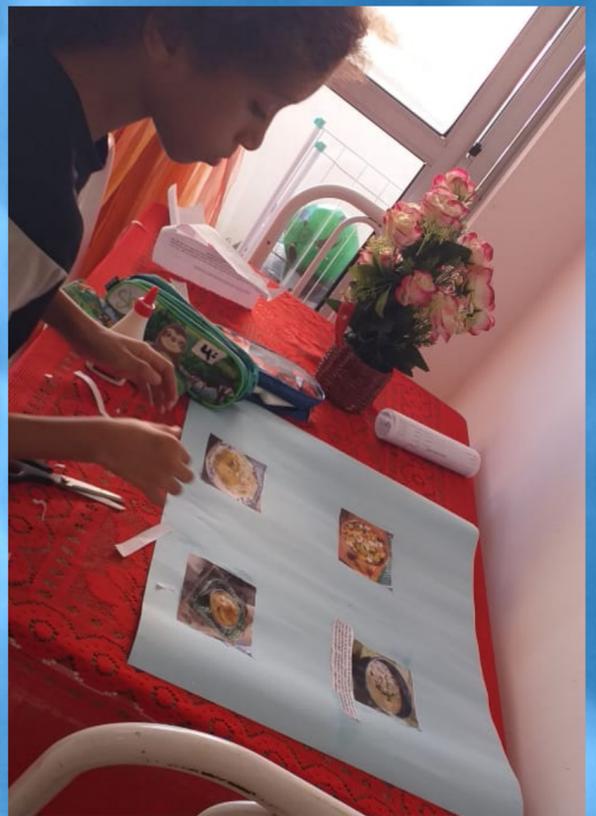
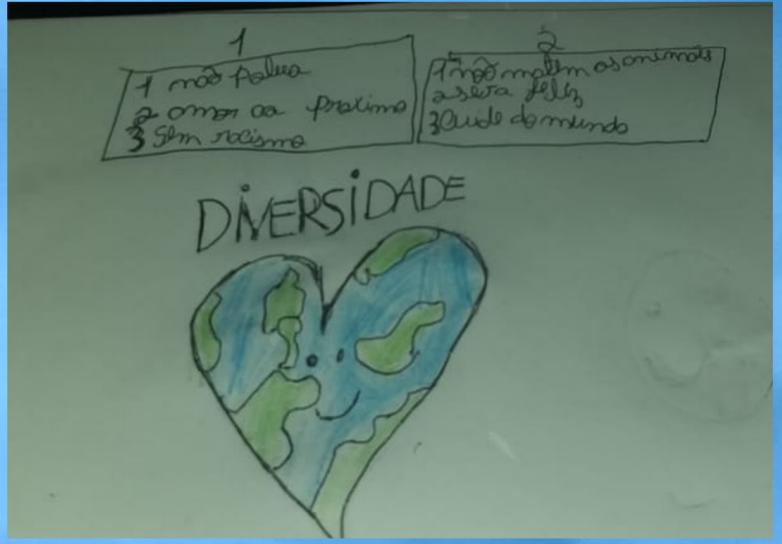
No entanto, historicamente, o brincar nem sempre foi realizado com brinquedos, mas por pequenas ações que aproximavam adultos e crianças, pais e filhos, avós e netos. Embora a infância não fosse considerada, como é hoje, em muitas sociedades a brincadeira era uma forma de inserir as crianças na vida social dos mais velhos. Através dela se estabeleciam as regras, o desempenho de papéis e, acima de tudo, os vínculos entre as novas e as velhas gerações.

É difícil defini-lo, mas fácil identificá-lo, pois só quem brinca sabe que o está fazendo. É um momento ímpar que envolve descoberta, liberdade, interação, conhecimento de seus próprios limites e de suas possibilidades, além do desenvolvimento da imaginação. É uma atividade única e singular, mas que depende, sobretudo do tempo e das relações, isto é, supõe brincantes de brincantes. Por essa razão, trata-se de um processo comunicacional que deve envolver pelo menos duas pessoas, permitindo a criação de vínculos. Nesse sentido, têm razão as crianças quando dizem que “brincar sozinho é muito chato” e, infelizmente, tem sido a realidade atual.



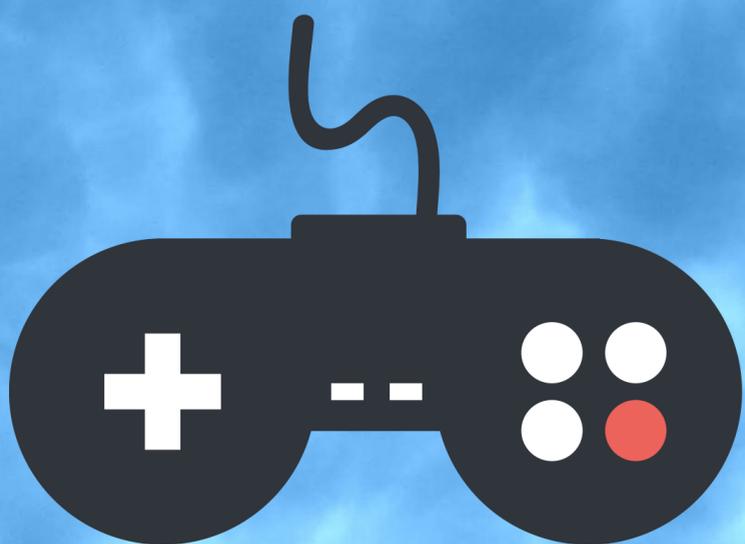
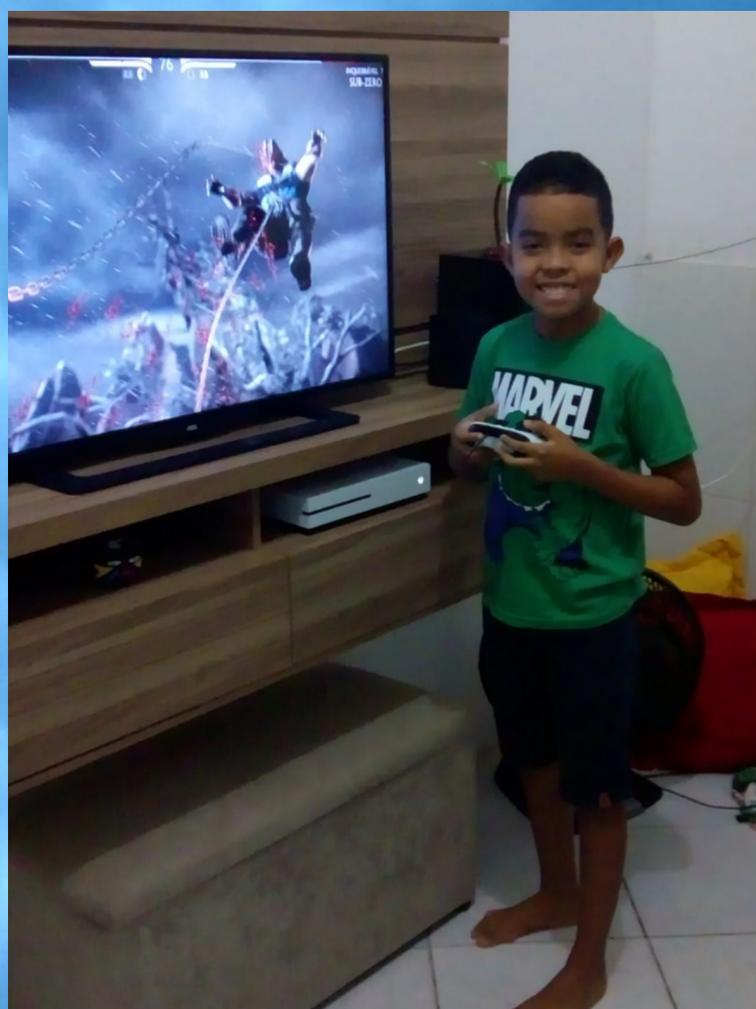
A educação e a brincadeira são delegadas, pelos pais, à instituição, que quase sempre está preocupada em desenvolver um currículo que colabore para obtenção de êxito do aluno no vestibular. Os pais, por vezes perdidos porque também não brincaram, não sabem como proceder e, nem sempre, têm repertório para fazê-lo razão pela qual oferecem tablets, celulares e videogames para entretê-los, sem ter a preocupação de orientá-los adequadamente para os perigos do uso excessivo das mídias e de grande parte das informações que circulam por ela.

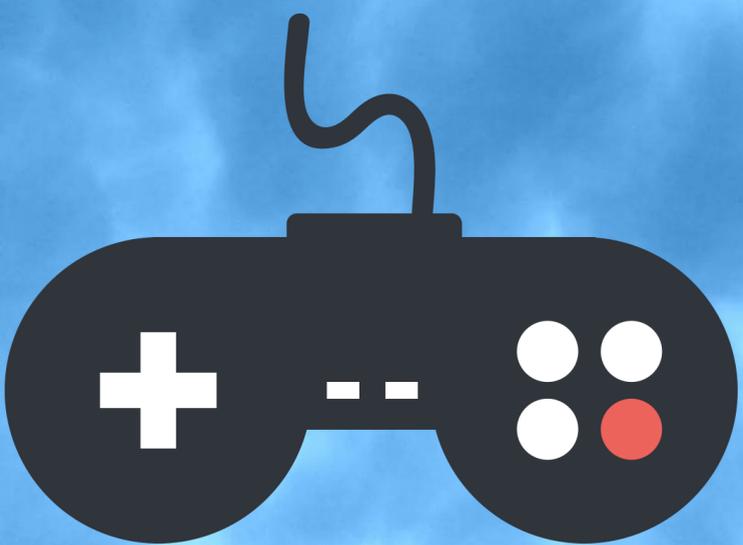
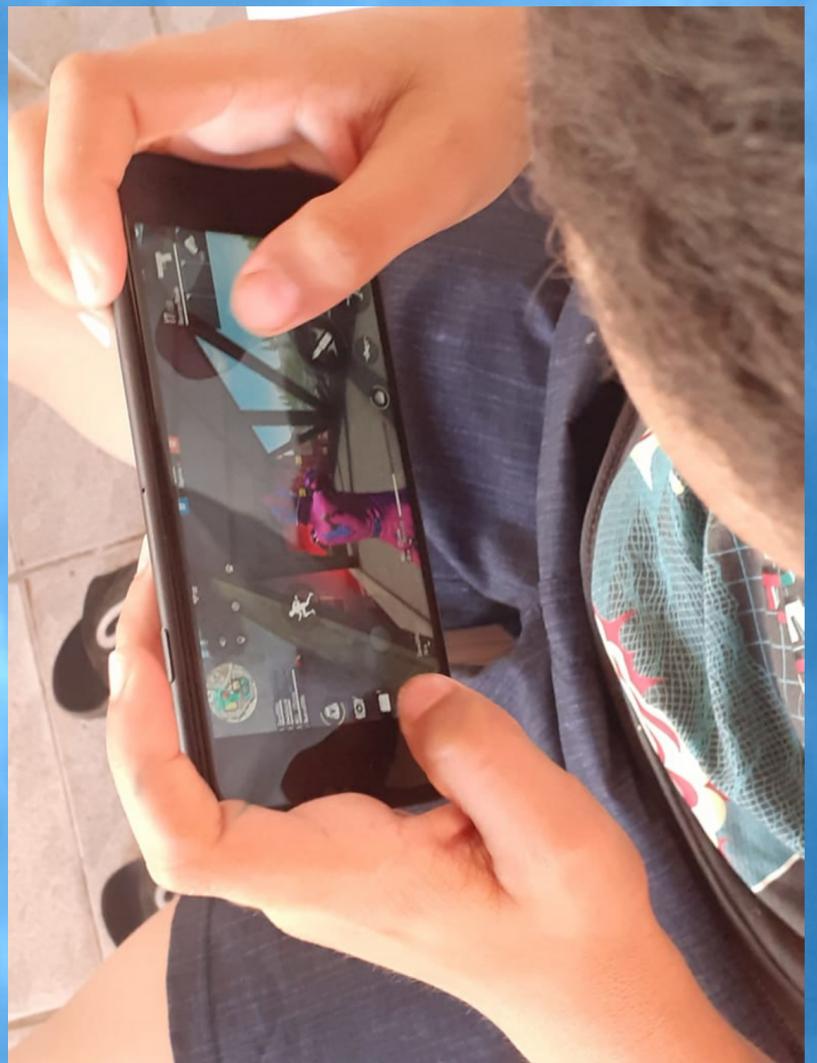
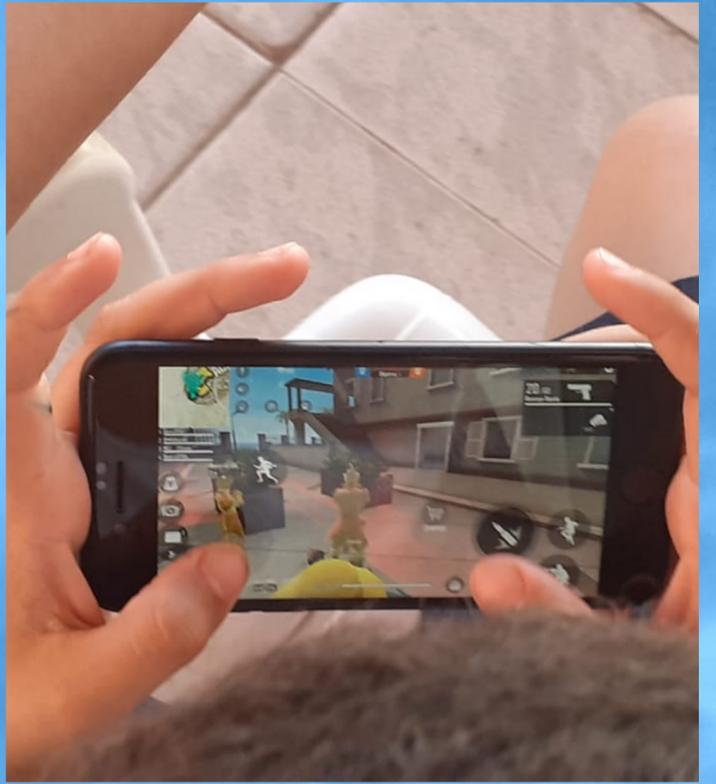
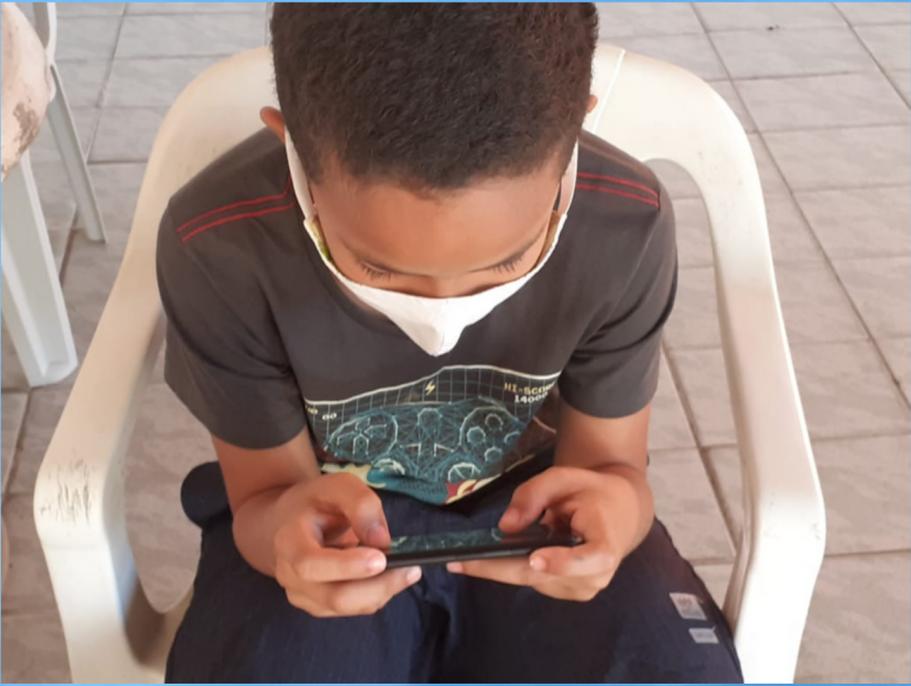
Ora, neste tempo de crise, de uma pandemia inesperada, o mundo sofreu uma reviravolta. Por conta de um vírus invisível a olho nu, a economia se desestruturou, e a sociedade está vivendo um verdadeiro caos na área da saúde e educação

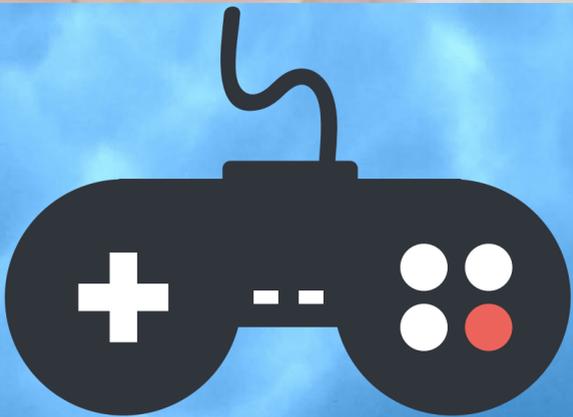
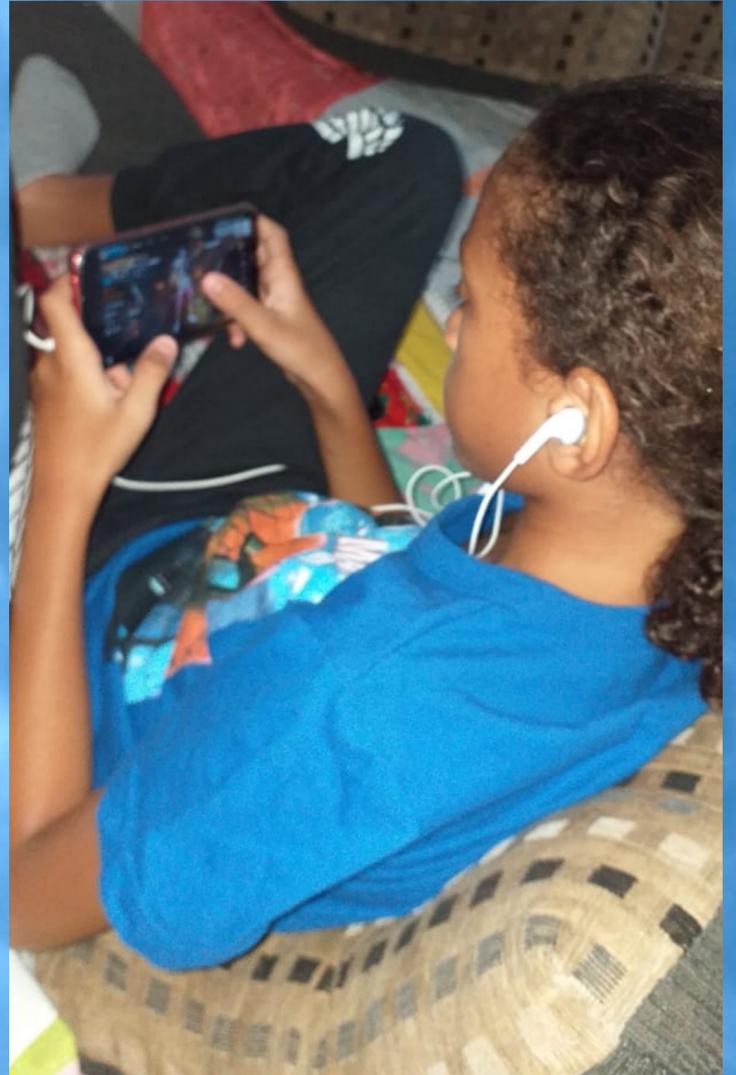


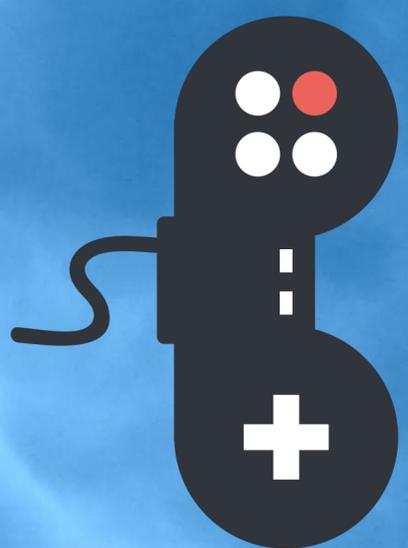
Extemporaneamente, todos devem ficar em casa para não aumentar a contaminação. Os pais não sabem o que fazer e, os filhos, não têm com que brincar. Será que, nesse momento de tanta angústia e de tanta reflexão, não seria importante resgatar com as crianças o tempo e o valor do vínculo, propiciado pelo brincar? Afinal, é um direito que as crianças estão perdendo, por conta de tantas atividades que lhes são atribuídas e, agora, elas estão em casa e as relações ficaram mais próximas, portanto uma grande oportunidade de brincar com elas então vamos de brincadeiras em casa com auxílio dos profissionais de educação e com ajuda dos pais e companhia.

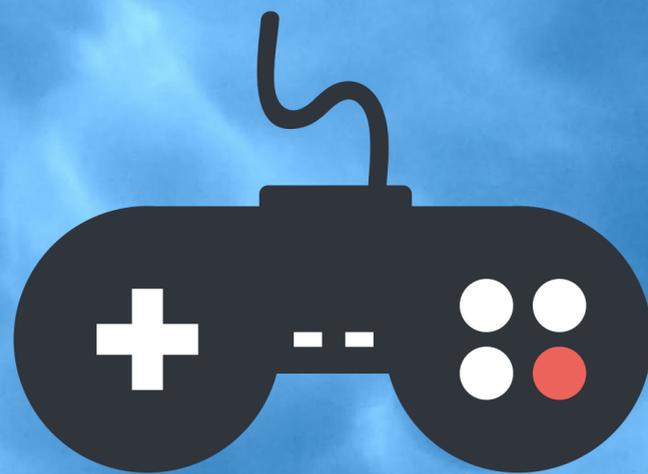


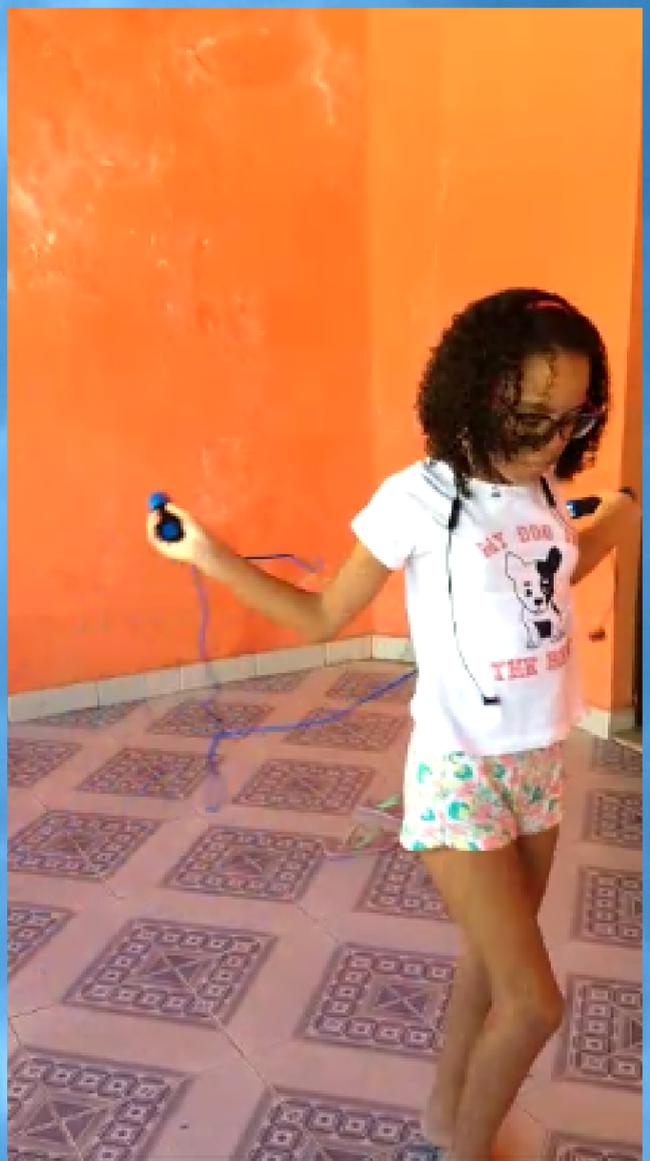
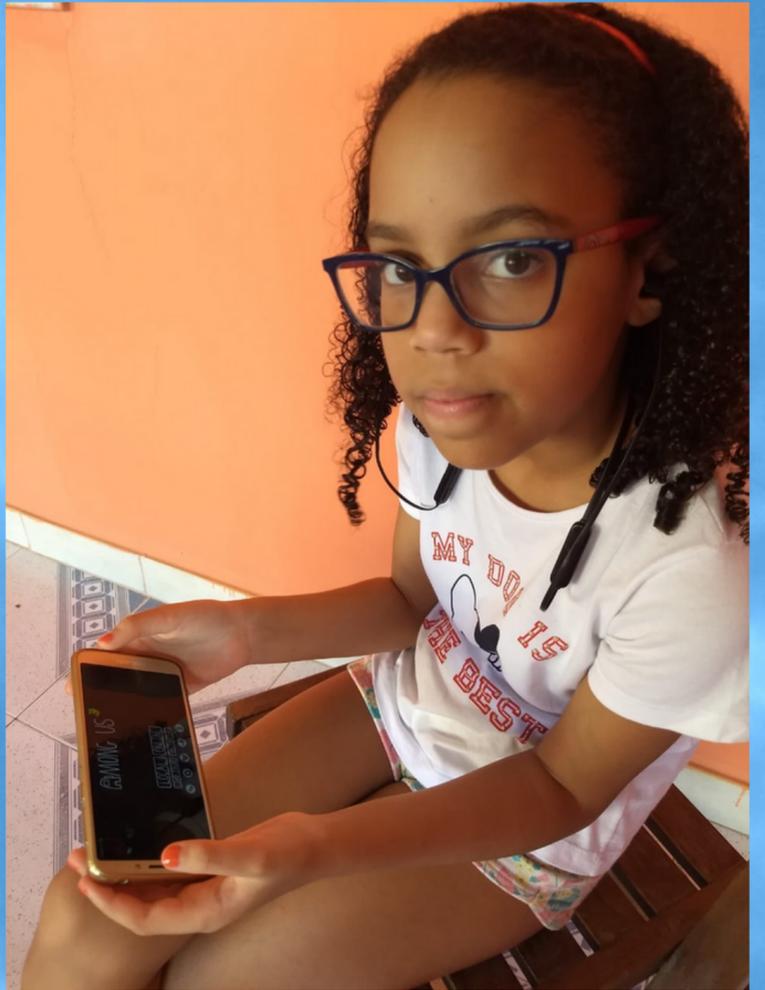


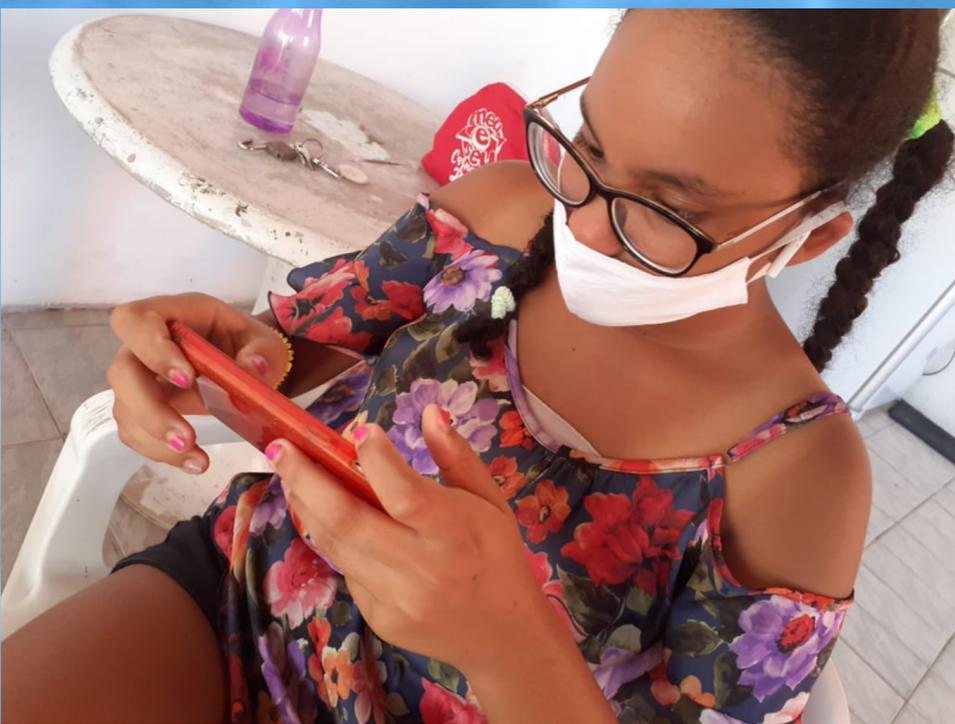














DEPOIMENTO DE UM ALUNO

MARCOS ALEXANDRE BARBOSA REIS ALVES 14 de ago.

Salvador 14 de agosto de 2020

Ao colégio Magíster

Prezado senhores!

antes da pandemia, a vida na escola era bem normal e divertida sempre que chegava cumprimentava o porteiro e meus colegas, sentávamos próximos no intervalo

fazíamos muitas brincadeiras como futebol, pega-pega..

Mais daí veio pandemia, que por força maior teve que fechar as escolas

e todos os estabelecimentos e tivemos que ficar em casa sem poder sair

e as aulas teve que ser feita por vídeo conferência, no começo a adaptação foi difícil e estressante mais com o tempo fui me adaptando junto com os meus colegas.

Assim que terminar o isolamento social desejo

retornar a escola, para rever meus amigos,

e a professora e todos em geral e voltarmos a

brincar, mais sei que vai ter uma limitação,

não vamos brincar como antes por causa do contato de um com o outro, mais espero que a

escola,

tenha medidas para sanitizar os ambientes escolar, as medidas de distanciamento para que possamos ter a segurança ao retornar a escola!

Atenciosamente!

**ESTÁ SENDO MUITO
IMPORTANTE RESGATAR
AS BRINCADEIRAS DE
NOSSA INFÂNCIA, PORQUE**

AS

DESCOBERTAS

REALIZADAS NA AÇÃO

LÚDICA, AJUDAM A

ESTABELEECER E

FORTIFICAR VÍNCULOS,

RESGATAR

O PATRIMÔNIO CULTURAL

E AUXILIAR NA

CRIATIVIDADE